

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Maria Marques Cintra**  
**Por Leandro Tadeu Alves da Luz**

Anna Maria, muito obrigado por ceder à ‘Metalinguagens’ uma entrevista. Gostaria de começar pedindo que nos fale um pouco sobre sua trajetória profissional como professora, como pesquisadora e, atualmente, como reitora de uma das mais importantes universidades do Brasil, a PUC de São Paulo.

**É** uma longa trajetória que começou em 1966, quando aceitei a aventura de ser assistente do Prof. Celestino Correia Pina, na disciplina Filologia Portuguesa, na Faculdade de Filosofia de São Bento, da PUC-SP, onde me formei. Depois disso algumas reformas curriculares das quais participei ativamente, me conduziram para ministrar aulas de Língua Portuguesa com diferentes programas como diacronia, morfossintaxe, semântica, redação e leitura. Mas meu destino parecia ligado à administração acadêmica, porque, logo no início da carreira, assumi a coordenação do Departamento de Português, lá ficando por onze anos. Em 1973 me doutorei em Letras-Linguística pela Universidade de São Paulo e passei a integrar, também o Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e o Departamento de Letras Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Em 1976, pedi demissão da USP e não demorou muito para que fosse convidada para dirigir, por quatro anos, o Centro de Ciências Humanas da PUC-SP. Terminado o mandato, fui para o Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT/CNPq), no Rio de Janeiro, onde permaneci por dois anos no Mestrado de Ciência da Informação. De volta a São Paulo, assumi a Coordenação do Curso de graduação em Língua Portuguesa, a Vice-Reitoria Acadêmica da PUC-SP, por quase quatro anos. Ao sair da Reitoria assumi a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP e, fui para a Escola de Comunicações da USP como professora convidada. Em 1992 passei a integrar, com pequena carga horária, também o Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP, de onde saí ao me aposentar em 2009. Tenho um carinho muito especial pela ECA-USP. Na PUC-SP continuei e, por oito anos, fui Vice-Presidente e depois Presidente do Setor de Pós-Graduação. Em final de 2012 assumi a Reitoria e lá me encontro.

Nunca, na história da humanidade, o homem escreveu e leu tanto com hoje, considerando tudo o que se lê e se escreve na internet. Por outro lado, os exames externos apontam para graves problemas de leitura e escrita nos nossos jovens. Como a senhora entende isso?

**V**ejo como um grave problema nacional, reflexo de uma escola pública fraca que, por sua vez, reflete uma política educacional que deixa a desejar. Assim, o país não vem preparando seu maior contingente de alunos nem para ler, nem para escrever textos de diferentes gêneros e graus de formalidade.

Quais são, em sua opinião, os principais desafios do linguista brasileiro – teórico e aplicado - atualmente?

**P**enso que o grande desafio seja compreender adequadamente teorias desenvolvidas, em sua maioria, em países centrais e ser capaz de adequá-las a nossa realidade de país em desenvolvimento, com muitos problemas gerados pela baixa atenção do estado brasileiro à educação.

Em geral, ouvimos que o brasileiro não lê. Para a senhora, estudiosa da leitura, até que ponto isso é verdade? Quais as principais razões para que sejamos um povo que lê pouco? Quais as consequências disso? E como se pode mudar este quadro?

**A**credito que essa afirmação de que o brasileiro não lê seja oriunda da relação entre população e venda de livros. Na verdade, entendo a leitura como algo mais amplo que apenas livros publicados pelas nossas editoras. Reconheço, no entanto, que nosso povo, de fato, se interessa pouco pela leitura da palavra escrita. Mas hoje, jovens e adultos leem muito nos celulares, na internet, nos games. A razão da baixa incidência de leitura de livros me parece estar na fragilidade de nossa educação, embora conheça algumas escolas particulares de nível muito bom, nas quais as crianças leem e leem bastante. Acredito que a mudança desse estado de coisas só seria possível com uma reforma na educação básica que atingisse a escola pública e a partir dela a qualidade se espalhasse para todo tipo de escola no país.

O que significa, para a senhora, formar um bom professor de português hoje?

**A**cho que está muito difícil formar bom professor de português hoje, porque não há interesse dos jovens em abraçar essa profissão. Os cursos de licenciatura estão desaparecendo, ou tendo número pequeno de alunos. Há um grande percentual de escolas em que os professores lecionam disciplinas para as quais não recebeu formação acadêmica. Utopicamente posso dizer que, para formar bons professores, há que haver, na sociedade, a valorização do profissional e nas universidades alguns parâmetros governamentais que exijam formação adequada. Algumas escolas particulares estão formando seus próprios professores, tamanho o caos instalado no país.

Quais as principais mudanças no que significa ser professor de português hoje em comparação com o início de sua carreira?

No passado estudava-se Filologia Portuguesa. Era muito forte o aspecto histórico da língua e quando nos formávamos nos sentíamos despreparados para trabalhar no ensino básico. O que mais acontecia era ensinar gramática normativa, pois ali o professor encontrava segurança. Portanto, supostamente, a língua em uso estava pautada pela gramática normativa. Com a entrada obrigatória da Linguística moderna, tivemos a felicidade de contar com os trabalhos do Prof. Mattoso Câmara Jr. que nos ajudaram muito na mudança de rumo, buscando descrições estruturais da língua. Mas com as teorias que nos chegaram no final do século XX muita coisa nova apareceu e o ensino da língua ganhou uma dimensão mais voltada para a comunicação, com respeito a suas variantes.

Qual deve ser o papel principal do professor de português em relação ao ensino de leitura literária? Preparar para o Vestibular, formar leitores, despertar senso crítico etc? Ou não há mais espaço para a literatura na escola? Como a senhora enxerga a literatura e seu ensino hoje?

Acho fundamental o ensino da literatura. Se o estudante perder a oportunidade de ler os clássicos de nossa língua na escola, é provável que nunca mais venha a conhecê-los. Costumo dizer que o ideal seria que a escola deixasse o Vestibular para ser pensado no último ano do ensino médio e que não desperdiçasse pelo menos dois anos desse nível e ensinasse para a vida desde o ensino fundamental, pois há muita coisa interessante para ser lida, para ser aprendida.

É possível afirmar que há uma crise generalizada nas licenciaturas no país. Em Letras, por exemplo, vários cursos têm sido fechados por falta de procura. Como a senhora entende este fenômeno? Quais medidas poderiam reverter isso? Esta 'crise' chegou à PUC/SP?

Não tenho dúvida de que há uma crise nas licenciaturas. Acho que já mencionei isso acima. Gostaria de acrescentar que se não houver uma política séria de reconhecimento do profissional, vai ser difícil recuperar a escola. A CAPES vem oferecendo um programa alternativo, o PIBID, mas não vemos resultados práticos suficientes. Quero crer que muitos dos formados por esse programa estejam buscando apenas um diploma fácil e não uma profissão.

Por que nossas graduações e pós-graduações parecem (ou de fato são?) tão melhores que nossa educação básica?

**P**or decisões políticas de governo. Talvez isso dê mais votos que formar crianças. Na realidade, o futuro (ou o presente?) educacional do Brasil assusta.

A PUC/SP tem como tradição não ser tradicional, isto é, ser uma espécie de vanguarda acadêmica e cultural neste país. O que a sociedade e a comunidade acadêmica podem esperar da PUC na sua gestão como reitora? Como manter a excelência da universidade e, ao mesmo tempo, competir num mercado no qual educação virou negócio?

**A** busca da excelência acadêmica. Estamos trabalhando nessa direção com avaliação interna de professores, com revisão de Projetos Pedagógicos de Cursos. Acreditamos que haja espaço para a excelência acadêmica, embora não pleiteemos uma PUC-SP com 50.000 alunos. Preferimos que ela seja menor, mas diferenciada pela qualidade. Como universidade comunitária que é não há nenhuma possibilidade de que vire negócio.

**Em Maio de 2014.**